

AVALIAÇÕES EXTERNAS E O TRABALHO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO: CONCEPÇÕES E ANÁLISES SOBRE SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.346152410124>

Data de aceite: 17/12/2024

Francisca Tamyres Fernandes Rodrigues

Estudante do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Tays Kelly Martins Vieira

Estudante do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro

Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE) - Orientador

uma perspectiva de diálogo com diferentes autores do campo da educação. Concluímos que as escolas em sua grande maioria se dedicam ao desenvolvimento de estudos dos conteúdos das avaliações externas, não fortalecendo todos os conhecimentos e demais competências também relevantes para o desenvolvimento dos alunos para que eles vivam e atuem em sociedade, o que fragiliza inclusive o papel dessas avaliações.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliações Externas. Educação. Escola.

RESUMO: O artigo, produzido em 2024, foi escrito com a finalidade de discutir sobre o tema avaliações externas, tendo como objetivo compreender qual o papel das avaliações externas e como repercutem no trabalho escolar. Esse objetivo é um desdobramento do seguinte problema de pesquisa: Qual o papel das avaliações externas e como repercutem no trabalho escolar? O interesse por esta temática se expressa pela motivação e necessidade de se debater essa temática tão relevante e que faz parte do cotidiano escolar, bem como, das atividades dos professores. A pesquisa é de cunho bibliográfica, produzida na abordagem qualitativa, expressa em

INTRODUÇÃO

As avaliações externas surgiram no fim do século XX, ano 1980, mas ganhou força no ano de 1990 quando houve a aplicação do SAEB, patrocinado pelo Ministério da Educação (MEC). Assim, “Essas avaliações externas se diferenciam das avaliações formativas, que são aquelas aplicadas pelos professores em sala de aula e servem para o acompanhamento individualizado das aprendizagens dos estudantes.” (Brasil, 2021). Frente a isso, pontua-se que este artigo toma como foco

de debate as avaliações externas, visando discutir alguns aspectos de suas contribuições para o desenvolvimento do trabalho escolar e a consolidação, em destaque dos objetivos de aprendizagem dos discentes, sem perder de vista e reconhecer as críticas destinadas para esse tipo de avaliação.

A avaliação no âmbito educacional é uma forma de medir níveis de aprendizados dentro das escolas. Elas têm um papel significativo dentro da educação, Blasis, Falsarella e Alavarse (2013, p.04) defendem que:

As avaliações do desempenho escolar, feitas em larga escala na educação básica, estão presentes na política pública de educação brasileira há duas décadas. Entretanto, a partir de 2005 com a Prova Brasil¹ e de 2007 com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)², passaram a ter maior destaque na agenda político-educacional de municípios e estados. (Blasis; Falsarella; Alavarse, 2013, p. 04).

Como visto, essas avaliações vêm ganhando grande destaque no meio educacional, quando usada de forma a potencializar o ensino e a aprendizagem pode ser uma arma contra os déficits de aprendizados, sua finalidade é fortalecer o sistema educacional, fazendo avaliação dos conhecimentos das crianças e adolescentes. Dito isto, entendemos que a avaliação não está fixada em uma prova, mas sim em um conjunto de atividades, dados e ações tidas em sala, limitar o rendimento de uma turma a apenas os resultados de uma única prova se torna uma forma de fazer com que essa avaliação em questão se torne em um “monstro”.

Não existe apenas uma avaliação externa, são uma boa variação de avaliações extra curriculares que compõe este leque, são elas: IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, SAEB- Sistema de Avaliação da Educação Básica; ANRESC- Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (conhecida como prova Brasil); ANEB- Avaliação nacional da educação básica, e tratando do Estado do Ceará, existe o SPAECE- Sistema Permanente de avaliação da educação básica do Ceará, responsável por avaliar os aprendizados do ensino Fundamental e Médio das redes públicas do estado.

São variados os tipos de avaliações externas, porém, o intuito de todas elas é fazer o levantamento de dados sobre o desenvolvimento da Educação Básica do país. A escrita irá abordar de forma a deixar o leitor ciente de vários questionamentos e concepções sobre a avaliação, para que a partir dessa escrita o leitor consiga tirar suas próprias conclusões sobre o tema e consiga formular através da escrita uma visão crítica sobre o assunto. Buscamos elucidar sobre a importância de mudar alguns aspectos da avaliação, para que a partir daqui seja possível melhorar aspectos da educação, para que se torne uma via de mão dupla, onde o professor e o aluno sejam cobrados, mas também tenham a partir dessa cobrança o reconhecimento, e não somente isso, que eles possam ter acesso a materiais de qualidade, prédios dignos, livros, fardamento e lanche de qualidade.

Desejamos que tenha sim essa troca, mas não somente uma entrega materialista, em troca de notas mascaradas, mas uma entrega de materiais, e melhorias para que essa baixa produtividade se torne um grande processo de crescimento e melhora dessas condições educacionais posteriormente, e não somente uma melhora em escolas que tiveram resultados bons, mas principalmente nas escolas que não conseguiram atingir essa meta, fazer desse resultado um estudo e buscar a partir dele melhorar o que tiver de ser melhorado para que posteriormente essa escola consiga bater essa meta.

Frente a isso, esta pesquisa, realizada em 2024, que decorre de estudos do projeto de extensão Núcleo de Estudos de Didática, Interação e Metodologias de Pesquisas em Educação (NEDIMPE) e no Grupo de Estudo Pesquisas em Educação, Saberes e Aprendizagem da Docência (GEPESAD), ambos desenvolvidos na Faculdade de Itapipoca (FACEDI), campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE), surgiu de recorte de um estudo anterior, a ser apresentado como resumo expandido em 2024 na XXIX Semana Universitária da UECE, pesquisa tinha como problema de pesquisa: Como as avaliações externas influenciam a prática pedagógica dos professores e a seleção dos conteúdos abordados em sala de aula. E apresentava como objetivo: compreender de que maneira as avaliações externas influenciam as práticas pedagógicas dos professores e a seleção dos conteúdos abordados em sala.

Com efeito, tomando como base uma série de inquietações e busca de compreensão do tema avaliação, objetivou-se aprofundar a pesquisa ciada, formulando, com isso, o seguinte problema de pesquisa: Qual o papel das avaliações externas e como repercutem no trabalho escolar? E possui como objetivo geral de pesquisa: compreender qual o papel das avaliações externas e como repercutem no trabalho escolar.

Para a escrita deste texto utilizamos da pesquisa qualitativa, com uso de textos que abordam o assunto e explicitam a historicidade das avaliações externas, sendo esta pesquisa denominada como bibliográfica. Os autores e órgão utilizados como fonte para a escrita foram: Alavarce, Bravo e Machado (2013); Blassis, Falssarela e Alavarce (2013); Brasil (2021); Falcão, Lima, Gomes, Silva, Alves e Marinho (2012); Lelís e Hora (2019); Machado (2012).

O tema abordado é uma parte importante da Educação Básica e exerce um papel fundamental para que essas crianças e adolescentes consigam desenvolver suas competências e habilidades dentro do ensino básico. Tratar sobre o assunto, e trazer visões diferentes sobre o tema possibilita ao leitor uma reflexão e diante disso é possível que haja sua formação crítica diante do assunto. O artigo está estruturado em seções, Introdução onde foi realizada a apresentação do tema, com apresentações da historicidade das avaliações externas, posteriormente no desenvolvimento teremos o referencial teórico, em que estão algumas concepções sobre o assunto e os resultados e discussão do tema, que é seguido da conclusão e referências que fundamentaram a pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

Existe uma ideia e a defesa de que ir bem nas avaliações externas irá melhorar a qualidade da infraestrutura e do ensino da instituição, depositando um peso ainda maior e também fazendo com que se tenha o pensamento de que todo o processo e todos os outros processos bem sucedidos, notas boas em outras disciplinas que não são abordadas nessas avaliações, são desvalorizados quando não se é obtido o esperado, surge o pensamento de que não tem importância todo o processo de aprendizado e os outros conhecimentos desses alunos. Alavarce, Bravo e Machado (2013, p.18) defendem sobre uma prática um pouco questionável e que abre espaço para um debate, ao exporem que:

[...] Adicionalmente, em algumas redes públicas foram desencadeados políticas de remuneração diferenciada para os profissionais da educação em função dos resultados dos alunos, consolidando um tipo de política chamada de responsabilização e incrementando o debate em torno da avaliação educacional. (Alavarce; Bravo; Machado, 2013, p. 18).

Recompensar apenas os profissionais que obtiveram bons resultados limita a docência a entregar bons resultados em avaliações externas. E os outros professores que assim como os colegas se esforçaram, usaram de todos meios para fazer com que os alunos não somente aprendessem o Português e a Matemática? Acabam se sentindo desmotivados e alimentam o pensamento de que, não é pela educação, mas sim pelo dinheiro.

Existem diferentes fatores que influenciam nos resultados em avaliações, sabemos a realidade de todo o país, dado que as diferenças da sociedade são visíveis e se fazem presentes dentro das escolas, crianças que não possuem o básico, que não conseguem nem ao menos se alimentar antes de saírem de casa para a escola. Pensando nisso, podemos refletir sobre a relação professor com o aluno e como a mediação dos conhecimentos só é possível quando há essa possibilidade de troca do aluno para com o professor, não é fácil estar de barriga vazia e tentar se concentrar em questões que requer um esforço e maior atenção. Dito isto, Falcão, Lima, Gomes, Silva, Alves e Marinho (2012, p. 03) dizem que:

O processo de ensino e aprendizagem tem como mediação o professor e aluno tendo como objetivo a construção do conhecimento que são partes constituintes do processo do conhecimento. O processo de construção é mútuo, professor e aluno agem ativamente dentro da construção do ensino, o aluno não é um quadro branco, as vivências de suas geografias devem fazer parte constituinte desse processo. (Falcão; Lima; Gomes; Silva; Alves; Marinho, 2012, p. 03).

Como é defendido pelos autores, o ensino é uma atividade mútua, que deve acontecer entre o professor e o aluno, mas sem esquecer que o discente vem de uma história, tem suas vivências e suas experiências que influenciam significativamente nesse processo de aprendizagem. Ainda se tem uma percepção de que a avaliação é um meio receptor de melhorias e verbas para as escolas, o que acaba se tornando um processo de

extrema ansiedade e estresse constante entre professores e alunos. Existe uma extrema cobrança das credes municipais para que essas escolas entreguem resultados que muitas vezes não existem. Falando sobre essa cobrança e corroborando com o que até aqui foi dito, Lelís e Hora (2019, p.552) dizem que:

as escolas são pressionadas a apresentarem bons resultados nas avaliações externas, realizadas em âmbito federal, através da Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC), conhecida como "Prova Brasil". Consequentemente, isso interfere no direcionamento do currículo escolar e na formação docente, priorizando a obtenção de bons resultados nos testes padronizados sobre o processo de aprendizagem em si. (Lelís; Hora, 2019, p. 552).

Como foi evidenciado, essa tensão criada diante das expectativas em torno dos resultados dessas avaliações, acabam afetando o currículo, estruturando a dinâmica de sala e modificando o ensino para que os alunos desenvolvam os conhecimentos necessários para irem bem naqueles determinados assuntos da prova. Esquece-se algumas disciplinas como História, Arte e Geografia que são de suma importância para o desenvolvimento crítico, artístico, profissional e pessoal dos alunos durante esse processo de ensino, notasse que a avaliação é usada como um mecanismo de controle e padronização, e acaba deixando de lado o principal foco, que deveria ser o único: colher dados e trabalhar mecanismos para o combate aos déficits de aprendizagem dos alunos. Machado (2012, p.73) diz que:

Para além dos rankings, os processos avaliativos externos devem servir ao propósito de permitir as revisões necessárias no trabalho desenvolvido nas escolas e, para tanto, seus resultados devem ser utilizados na análise coletiva da realidade escolar e no direcionamento de ações e alternativas para enfrentar as dificuldades vividas no ensino-aprendizagem.

A autora aborda muito do que foi dito até aqui, essas avaliações tem um grande potencial para a análise de dados para a produção de alternativas que beneficie e melhorem a educação do país. Porém, a avaliação em se tornou-se um "objeto", como um troféu, onde seus índices e a busca pela maior nota gera uma grande competição, inclusive entre as escolas. Ela pode ser usada como uma ferramenta incisiva nesse processo de construção educacional, quando usada como meio para recolhimento de dados para o desenvolvimento de meios para melhorar a aprendizagem.

Com amparo nestas amostras sobre como se esta sendo utilizado os resultados das provas externas, observa-se que mesmo com o passar do tempo, juntamente aos avanços no âmbito educacional, ainda vemos presente na maioria das escolas a má gestão em relação a isso, pois seu o seu objetivo seria justamente observar como está o desempenho dos alunos naquela determinada instituição, não por meio da sua organização para determinada prova em determinada data, mas como ela desenvolve esses ensinamentos aos alunos ao longo dos bimestres, e a partir desses resultados realizar ações que culminem na melhoria da educação das crianças

Mas em vez das provas terem o propósito de influenciar os professores em fazer mudanças positivas nas práticas pedagógicas, acabam sendo direcionados para uma preparação massiva e constante dos alunos para essas provas, fazendo com que afete a escolha dos conteúdos abordados, e que muitas vezes os alunos nem tiveram o contato. Além de que por muitas vezes a falta de consciência por parte do professor em relacionar o aluno como uma pessoa que transporta consigo conhecimentos, deixando de lado a realização e contextualização de atividades que o desenvolva como um todo e não somente em uma determinada área. Assim, como defende Fernandes “[...] reformas não viram concretizados os seus mais fundamentais propósitos como, por exemplo, desenvolver as capacidades superiores de pensamento dos alunos ou as suas competências para resolver uma diversidade de problemas.” (2019, p. 78), ou seja, a avaliação por si só já tem a sua falha por não considerar avaliativo os conhecimentos trazidos pelos alunos, e o que ajuda a enfatizar isso é justamente a falta de organização não só dos professores, mas também da gestão escolar.

Para além disso, tem também a desvalorização de outros componentes curriculares que também são importantes para o aprendizado dos alunos, mas que tem o seu tempo sufocado por conta do foco extremo de seus superiores em querer superar a nota anterior ou proposta, contudo “o uso dos resultados por parte dos gestores é escasso ou inexistente, e que os responsáveis pelas iniciativas reconhecem que as escolas têm dificuldade até mesmo de ler e compreender os resultados produzidos” (Machado, 2012, p. 74). Isso revela que alguns gestores não compreendem o real significado dos resultados obtidos pelas escolas, mas continuam a reproduzir ações que não contribuem para um aprendizado saudável, pois muitos alunos e professores que não estão em suas respectivas áreas se sentem cansados em realizar atividades repetitivas e que não tem total compreensão do assunto, assim como relatado por Fernandes:

Um dos efeitos mais nefastos das avaliações externas é o chamado ‘estreitamento’ ou ‘afunilamento’ do currículo que consiste na tendência de os professores ensinarem para o que consideram que vai ser perguntado nos exames. Nestas condições, todo o resto é ignorado ou tratado de forma superficial. as disciplinas que não são objeto de exame tendem a perder a sua importância aos olhos de alunos, professores, pais e encarregados da educação, havendo assim um certo ‘esvaziamento’ do currículo. (Fernandes, 2019, p. 79).

Demonstrando que mesmo com essa ideia de avaliação para a melhora do ensino e aprendizagem das crianças, o sujeito principal dessa ação educacional não está sendo priorizado e respeitado, pelo contrário, está sendo utilizado como material de exposição de nota para o governo e comunidade escolar, mas isso não mascara os deficits sobre esses futuros adultos, sejam eles em suas tomadas decisões pessoais e profissionais, a falta de senso crítico para determinados assuntos, entre outros aspectos.

